

**UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A
INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A
DIGNIDADE DOCENTE**

***THE UNIVERSITY IN DISPUTE: MANAGERIAL ORGANIZATION, THE
UNCONDITIONALITY OF THE EDUCATIONAL SPACE, AND FACULTY
DIGNITY***

Sebastiana de Lourdes Lopes Flaviano ¹ (UFCAT)

Rita Tatiana Cardoso Erbs ² (UFCAT)

RESUMO: O presente artigo analisa a crise estrutural da universidade contemporânea no contexto das reformas gerenciais neoliberais e da aceleração tecnológica, investigando seus impactos sobre a identidade institucional, o fazer pedagógico e a subjetividade de professores e estudantes. O deslocamento do espaço universitário promovido pela virtualização dos ambientes de aprendizagem e pela expansão das redes digitais tensiona o modelo tradicional de campus e reconfigura os modos de produção e transmissão do saber. Para enfrentar essas contradições, o trabalho propõe um diálogo teórico triádico entre três matrizes de pensamento: o conceito de "Universidade sem condição" de Jacques Derrida, que reivindica a liberdade incondicional de questionamento e o direito de professar a verdade como ato ético e performativo; o diagnóstico político de Marilena Chauí sobre a universidade enquanto instituição social pública ameaçada pela lógica operacional e mercantil; e as reflexões de Miguel Arroyo, em *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*, sobre a dignidade do magistério e a tensão entre imagens externas de controle e a autoimagem autônoma dos educadores. O objetivo central é examinar as convergências, os paradoxos e as potências críticas emergentes dessas três perspectivas, defendendo a universidade não como prestadora de serviços, mas como espaço privilegiado de formação humana, ética e existencial. Metodologicamente, o estudo configura-se como uma pesquisa bibliográfica ancorada nas discussões teórico-práticas desenvolvidas no decorrer da disciplina "Universidade como

¹ Discente da disciplina "Universidade como Espaço de Formação, Produção Científica e Docência" _ Doutorado - UFCAT. Email: sebastianaflaviano@yahooo.com.br.

² Docente da disciplina Universidade como Espaço de Formação, Produção Científica e Docência " _ Doutorado UFCAT. Email: ritaerbs@ufcat.edu.br.

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

local de formação” — ofertada pela pós-graduação (doutorado) da UFCAT —, articulando-se com uma abordagem narrativa, reflexiva e compreensiva, orientada pelo paradigma da existencialidade e pela pesquisa (auto)biográfica como instrumentos de emancipação dos sujeitos que constituem a comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Universidade; Neoliberalismo; Desterritorialização; Ofício de mestre;

ABSTRACT: This article analyzes the structural crisis of the contemporary university within the context of neoliberal managerial reforms and technological acceleration, investigating their impacts on institutional identity, pedagogical practice, and the subjectivity of professors and students. The shift in the university space—driven by the virtualization of learning environments and the expansion of digital networks—strains the traditional campus model and reconfigures the modes of knowledge production and transmission. To address these contradictions, the study proposes a triadic theoretical dialogue among three frameworks of thought: Jacques Derrida’s concept of the "University without condition," which asserts the unconditional freedom of questioning and the right to profess truth as an ethical and performative act; Marilena Chauí’s political diagnosis of the university as a public social institution threatened by operational and market-driven logic; and Miguel Arroyo’s reflections—in **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens** (The Master’s Craft: Images and Self-Images)—on the dignity of the teaching profession and the tension between external images of control and the educators’ autonomous self-image. The central objective is to examine the convergences, paradoxes, and critical potentials emerging from these three perspectives, advocating for the university not as a service provider, but as a privileged space for human, ethical, and existential formation. Methodologically, the study is structured as bibliographic research grounded in the theoretical-practical discussions held during the course "The University as a Site of Formation"—offered by the doctoral program at UFCAT. It employs a narrative, reflective, and interpretive approach, guided by the paradigm of existentiality and by (auto)biographical research as tools for the emancipation of the individuals who constitute the academic community.

Keywords: University; Neoliberalism; Deterritorialization; The Master’s Craft;

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

1. Introdução

A instituição universitária contemporânea encontra-se imersa em uma encruzilhada histórica marcada por uma complexa e multifacetada dimensão de crise estrutural e mutação de sua essência e ou significado. Longe de ser um fenômeno puramente administrativo ou passageiro, a crise que assola as instituições de ensino superior no Ocidente — e, de modo muito particular, no Brasil — decorre do avanço agressivo e sistemático das reformas gerenciais e das políticas neoliberais, conforme nos evidencia Marilena Chauí (2001), em sua obra: *Escritos sobre a Universidade*. Estas forças buscam, em última instância, capturar e redefinir a função social da universidade a partir de métricas estritas de produtividade mercantil, eficiência quantitativa e utilitarismo econômico, de acordo com o modo capitalista de produção.

Paralelamente a esse estrangulamento político e financeiro, a aceleração das mutações tecnológicas, potencializada pela expansão das redes digitais e pela virtualização dos ambientes de aprendizagem, tensiona de maneira inédita a configuração espacial e territorial que historicamente balizou a produção do saber. O campus universitário, outrora concebido como um recinto físico delimitado, enraizado em um solo e protegido por fronteiras geográficas claras, vê-se desterritorializado. As dinâmicas de comunicação, os fluxos pedagógicos e as interações humanas migram progressivamente para o ciberespaço, alterando não apenas a ecologia acadêmica, mas os modos de subjetivação de professores e estudantes.

Frente a esse cenário de intensas fraturas, torna-se imperativo problematizar: como conciliar o estatuto da universidade enquanto instituição social de formação crítica e espaço incondicional de saber em um horizonte atravessado pela mercantilização radical do ensino e pela desterritorialização do ambiente presencial? Mais ainda, de que maneira as transformações do espaço universitário afetam a identidade, a autonomia e a dignidade daqueles que sustentam o fazer pedagógico no cotidiano? Como salvaguardar o ato de educar contra a sua redução a um mero protocolo técnico de transmissão informacional?

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

Para responder a essas indagações e descortinar caminhos de resistência, este artigo propõe um diálogo teórico triádico entre os pensamentos de Marilena Chauí, Jacques Derrida e Miguel Arroyo. O conceito de "Universidade sem condição", formulado por Derrida, surge como a reivindicação ética e filosófica de um espaço que exige liberdade incondicional de questionamento, o direito soberano de colocar sob exame todas as verdades estabelecidas e a prerrogativa de dizer tudo publicamente. Essa vertente desconstrutivista alinha-se e tensiona, simultaneamente, o diagnóstico político de Marilena Chauí, que defende a universidade como uma instituição social pública essencial, cuja autonomia intelectual deve funcionar como guardião do pensamento crítico contra as investidas dogmáticas do Estado e do mercado.

Todavia, para que o debate sobre a autonomia institucional e a incondicionalidade filosófica não permaneça abstrato, este estudo incorpora as contribuições fundamentais de Miguel Arroyo, expressas em sua obra seminal *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Arroyo lança luz sobre a dimensão humana, social e existencial dos educadores, discutindo como o magistério oscila historicamente entre a imposição de imagens externas de controle — que tentam reduzir o professor a um funcionário técnico e dócil — e a busca por uma autoimagem autônoma, alicerçada na dignidade do fazer pedagógico e na humanização dos sujeitos. O "ofício de mestre" em Arroyo dialoga intimamente com a ideia derridiana de "professar" como um compromisso performativo e ético com a verdade, servindo de contraponto à precarização promovida pela universidade operacionalizada que Chauí denuncia.

O objetivo central deste trabalho é, portanto, analisar as convergências, os paradoxos e as potências críticas que emergem do entrelaçamento dessas três matrizes teóricas. Refletese aqui sobre os impactos da virtualização e da globalização que desafiam a universidade tradicional, defendendo-a não como uma empresa prestadora de serviços, mas como o lugar por excelência da formação humana, ética e existencial.

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico que sustenta este trabalho articula três obras fundamentais, cada uma contribuindo com uma lente distinta para a compreensão da universidade em seus múltiplos atravessamentos. Em *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens* (2000), Miguel Arroyo empreende uma reflexão profunda sobre a identidade profissional dos educadores, investigando como o magistério foi historicamente constituído por imagens externas — sociais, políticas e institucionais — que ora enalteciam o professor como figura vocacional e apostólica, ora o reduziam a um técnico subalterno, executor de currículos e diretrizes alheias. Arroyo propõe que os educadores reconquistem uma autoimagem autônoma, construída a partir da valorização do próprio fazer pedagógico, da escuta dos educandos e do reconhecimento da docência como um ofício dotado de saberes específicos, historicidade e dignidade ética. Sua obra é, ao mesmo tempo, um ato de memória coletiva e um manifesto em favor da humanização da escola e de seus sujeitos.

Em *Universidade sem condição* (2003), Jacques Derrida elabora uma meditação filosófica sobre o estatuto e a vocação da instituição universitária na era da globalização. Para o filósofo francês, a universidade deve reivindicar para si o princípio de incondicionalidade: o direito soberano de questionar tudo, de examinar criticamente qualquer pressuposto — inclusive os que sustentam a própria universidade — sem submissão a poderes externos, sejam eles econômicos, estatais ou midiáticos. Derrida articula esse princípio ao ato de "professar", entendido não como mera transmissão de conteúdos, mas como um compromisso performativo e ético com a verdade, com a responsabilidade e com o por-vir.

Já em *Escritos sobre a Universidade* (2001), Marilena Chauí oferece um diagnóstico político e filosófico rigoroso sobre a transformação da universidade brasileira sob o impacto das reformas neoliberais. A filósofa distingue a universidade enquanto *instituição social* — comprometida com valores universais, com a crítica e com o bem público — da universidade *operacional*, que passou a funcionar segundo a lógica empresarial da eficiência, da produtividade mensurável e da prestação de serviços ao mercado. Para Chauí, essa conversão representa uma grave ameaça à autonomia intelectual, ao pensamento crítico e à própria

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT). **UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE**

função social da universidade, que deixa de ser um espaço de formação humana para tornar-se uma agência de certificação e de produção de competências adaptáveis às demandas do capital.

A articulação entre essas três perspectivas — a humanização do ofício docente em Arroyo, a incondicionalidade filosófica em Derrida e a crítica política da mercantilização em Chauí — constitui o eixo interpretativo central deste trabalho, permitindo uma leitura plural, crítica e situada da universidade contemporânea e dos sujeitos que a fazem existir cotidianamente.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente, o presente artigo ancora-se nas discussões teórico-práticas desenvolvidas no decorrer da disciplina Universidade como local de formação – ofertada pela pós graduação (doutorado) da UFCAT. Beneficia-se de um exercício essencialmente narrativo, reflexivo e compreensivo, voltado para o amadurecimento do paradigma da existencialidade e para a valorização da pesquisa (Ato)biográfica como ferramenta de emancipação dos sujeitos que habitam e constroem a comunidade acadêmica. Nesse sentido, a escrita não se pretende neutra ou meramente descritiva, mas comprometida com a experiência vivida, com a memória formativa e com a dimensão subjetiva do ato de educar e de ser educado.

3. ANÁLISES E RESULTADOS

Breve Histórico da Instituição Universitária e a Emergência do Modelo Gerencial

Para que se possa compreender com precisão o atual estado de disputa em que a universidade se encontra, faz-se estritamente necessário recuperar o percurso histórico de sua constituição e a erosão de sua vocação tradicional. Historicamente, a universidade consolidou-se no Ocidente como uma instituição social orgânica, umbilicalmente ligada à sociedade na qual germina. Longe de ser uma organização isolada, sua legitimidade assentava-se sobre um duplo compromisso fundante: uma vocação científica voltada para a

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

busca desinteressada do conhecimento, para a decifração do mundo e para o desenvolvimento das forças culturais; e uma vocação política, diretamente vinculada à formação do cidadão, ao revigoramento do espaço público e à consolidação dos valores democráticos. Sobre esse vínculo entre universidade, democracia e cidadania, Chauí colabora afirmando que:

A partir das revoluções sociais do século XX e com as lutas sociais e políticas desencadeadas a partir delas, a educação e a cultura passaram a ser concebidas como constitutivas da cidadania e, portanto, como direitos dos cidadãos, fazendo com que, além da vocação republicana, a universidade se tornasse também uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber (Chauí, 2003).

No entanto, a transição para a modernidade tardia e o advento do capitalismo tardio operaram uma reconfiguração paulatina e profunda nesses pilares institucionais. No cenário brasileiro, o marco divisor dessa grande virada tecnocrática remonta à Reforma Universitária de 1968 (Lei nº 5.540/68), implementada sob a égide e o controle ideológico da Ditadura Militar. Fortemente inspirada em modelos norte-americanos de eficiência empresarial e racionalidade burocrática, a reforma de 68 introduziu transformações estruturais definitivas: extinguiu a cátedra tradicional e implementou o sistema de departamentos, instituiu o regime de créditos e a matrícula por disciplinas, e priorizou a fragmentação do conhecimento em nome de uma especialização precoce. O objetivo subjacente a essa modernização autoritária era duplo: por um lado, desarticular os focos de resistência política e o pensamento crítico estudantil e docente dentro dos campi; por outro, garantir o adestramento acelerado de uma mão de obra técnica, dócil e altamente especializada, destinada a suprir as demandas do projeto de desenvolvimento econômico concentrador conduzido pelos militares.

Com o esgotamento desse modelo e o advento dos anos 1990, o Brasil e a América Latina testemunharam a introdução do receituário neoliberal de "Reforma do Estado". Foi nesse momento histórico que se consolidou a transição definitiva da chamada universidade funcional para o paradigma da *universidade operacional gerencial*, minuciosamente dissecado por Marilena Chauí em seus *Escritos sobre a universidade*. Sob o império da lógica gerencialista, a educação sofre uma mutação semântica e jurídica violenta: deixa de

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT). **UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE**

ser concebida e garantida como um direito social universal e um bem público indivisível para ser redefinida como um "serviço não-exclusivo". Em termos práticos, a educação superior é transmutada em uma mercadoria privatizável, um bem de consumo individual cuja aquisição depende da capacidade financeira do cliente. Neste sentido, Chauí nos afirma:

De fato, essa reforma, ao definir os setores que compõem o Estado, designou um desses setores como setor de serviços não exclusivos do Estado e nele colocou a educação, a saúde e a cultura. Essa localização da educação no setor de serviços não exclusivos do Estado significou: a) que a educação deixou de ser concebida como um direito e passou a ser considerada um serviço; b) que a educação deixou de ser considerada um serviço público e passou a ser considerada um serviço que pode ser privado ou privatizado. Mas não só isso. A reforma do Estado definiu a universidade como uma organização social e não como uma instituição social (CHAUÍ, 1999, p. 5).

Nesse processo de mercantilização desenfreada, o estatuto dos sujeitos que compõem a universidade é radicalmente subvertido. O estudante perde sua condição de sujeito político em formação e de pesquisador em potencial para ser convertido em um mero consumidor ou cliente de um mercado educacional. Trata-se daquilo que Chauí denomina como a "lógica do supermercado", onde as disciplinas se tornam produtos dispostos em gôndolas burocráticas, os diplomas transformam-se em passaportes de empregabilidade rápida e o processo de ensino-aprendizagem é reduzido a uma transação comercial de compra e venda de insumos informacionais.

Como consequência direta e nefasta dessa metamorfose, o próprio conceito de autonomia universitária sofre uma deturpação semiótica devastadora. A autonomia, que historicamente significava a independência intelectual, curricular e científica da universidade perante os poderes instituídos do Estado e da Igreja, passa a ser equiparada à mera "capacidade operacional". Ser autônoma, na linguagem gerencialista dos tecnocratas contemporâneos, significa ter a eficiência gerencial necessária para captar recursos privados no mercado, estabelecer parcerias corporativas, reduzir custos de pessoal e cumprir metas quantitativas abstratas de produtividade. Estas metas são rigidamente fixadas por agências

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

reguladoras, rankings globais de competitividade e organismos financeiros internacionais — como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A universidade operacional passa, então, a funcionar sob o decalque da empresa flexível: avalia-se a excelência de seus docentes não pela relevância social, profundidade ou caráter emancipatório de suas pesquisas, mas pelo volume de artigos publicados em revistas indexadas de alto impacto, pela velocidade de titulação de seus alunos e pela docilidade burocrática de seu corpo funcional.

Miguel Arroyo e o "Ofício de Mestre": Imagens, Auto-Imagens e Precarização

É precisamente no coração dessa engrenagem operacional e produtivista descrita por Chauí que as reflexões de Miguel Arroyo, em *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*, tornam-se ferramentas teóricas indispensáveis para compreender a crise do trabalho docente. Arroyo nos convida a descer da abstração das estruturas institucionais para olhar de perto o sujeito que viabiliza o cotidiano da educação: o professor. O autor demonstra que o magistério é atravessado por uma disputa histórica e ideológica permanente entre as *imagens* que a sociedade, o Estado e as reformas gerenciais projetam sobre o educador e as *autoimagens* que este constrói a partir de sua prática concreta e de sua experiência existencial.

Historicamente, o mestre foi revestido de imagens arquetípicas que cumpriam funções políticas específicas. Passou-se da imagem do mestre como sacerdócio ou vocação sagrada — que exigia doação mística e justificava salários baixos e a ausência de certos direitos trabalhistas — para a imagem do técnico ou especialista em eficiência pedagógica, introduzida pelas reformas tecnocráticas. No atual paradigma da universidade operacional, o gerencialismo projeta sobre o docente a imagem do “gerente de aprendizagem” ou do “prestador de serviços educacionais executados sob demanda”. O professor é pressionado a se enxergar como um empreendedor de si mesmo, um captador de recursos, cuja identidade profissional é fragmentada pela exigência de preencher relatórios de produtividade, alimentar plataformas burocráticas e se submeter a avaliações de desempenho de caráter

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT). **UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE**

estritamente quantitativo. Relacionado a este assunto, Arroyo nos apresenta os seguintes questionamentos para reflexão:

Como ignorar esses embates no campo da educação? Como não perceber que o saber-fazer de mestre teve alterações profundas com as tentativas de incorporação desses processos 'racionais' na gestão dos sistemas de ensino, na organização e divisão do trabalho? (ARROYO, 2000, P. 19)

Arroyo denuncia que essa imposição de imagens externas produz um profundo processo de descaracterização e alienação do trabalho docente, resultando na precarização não apenas material, mas ontológica do magistério. Quando a universidade adota a lógica empresarial, o saber do professor é expropriado. Ele deixa de ser o autor de seu projeto pedagógico, o intelectual crítico que formula questionamentos sobre o mundo, para ser reduzido a um mero executor de currículos padronizados, pacotes instrucionais e diretrizes gerenciais concebidas por burocratas distantes da realidade da sala de aula. O saber da experiência, a sensibilidade humana e o tempo necessário para a reflexão profunda são sacrificados no altar da pressa produtivista e da eficácia imediata.

A construção de uma autoimagem autônoma exige que o professor se reconheça — e seja reconhecido institucionalmente — como um sujeito histórico cujas vivências, trajetórias biográficas e opções políticas conferem densidade ao ato pedagógico. Arroyo resgata o caráter eminentemente coletivo e existencial do magistério: o mestre se humaniza ao humanizar os educandos. Portanto, a resistência contra a universidade operacional passa, obrigatoriamente, pela recusa das imagens alienantes do gerencialismo e pela reinvenção de um ofício comprometido com a dignidade, com a autonomia e com a formação integral dos sujeitos.

Jacques Derrida e a "Universidade Sem Condição": Conceitos Fundamentais

Se a crítica de Chauí desvela a mercantilização das estruturas e Arroyo expõe a precarização dos sujeitos da docência, a proposição filosófica de Jacques Derrida em *A*

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

universidade sem condição fornece a fundamentação ética e ontológica radical necessária para sustentar a resistência de ambos. Derrida lança uma provocação desconstrucionista que redefine as fronteiras do pensamento acadêmico e desafia frontalmente a captura utilitarista do saber promovida pelo capitalismo contemporâneo.

O conceito-chave que dá título à sua obra, a *incondicionalidade*, encerra um duplo enigma que precisa ser pacientemente decifrado. Em uma primeira dimensão, a incondicionalidade afirma o direito absoluto, soberano e irrestrito da universidade de questionar tudo o que existe. Trata-se da exigência de que a instituição universitária seja o espaço onde nada esteja a salvo da interrogação crítica: nem o Estado, nem o capital, nem as religiões, nem as verdades científicas consagradas, nem as próprias estruturas do poder metafísico e da soberania nacional. Neste sentido, Derrida sustenta a tese de que:

A Universidade deveria, portanto, ser também o lugar em que nada está livre do questionamento, nem mesmo a figura atual e determinada da democracia; nem mesmo a idéia tradicional de crítica... nem mesmo ainda a autoridade da forma 'questão', do pensamento como 'questionamento'. Por esse motivo falei sem demora e sem camuflagem de desconstrução (DERRIDA, 2023 P. 18).

Quando ele afirma que a universidade deve ser o lugar onde *"nada está livre do questionamento"*, ele define o espaço acadêmico como o ambiente por excelência da desconstrução. A universidade só é plena se puder investigar as suas próprias bases sem censura. A universidade deve possuir a liberdade incondicional de colocar sob análise a história da própria verdade e o direito de declarar publicamente, em alto e bom som, o resultado de suas investigações. Sob essa ótica, ela não deve prestar contas a nenhum poder exterior, não deve se submeter a critérios de utilidade imediata do mercado e não pode aceitar dogmas pré-estabelecidos. Ela é, em essência, o espaço do pensamento sem pressupostos.

No entanto, essa incondicionalidade radical traz consigo o reverso de um paradoxo trágico: o caráter de ser uma instituição essencialmente sem defesa ou vulnerável. Derrida sublinha que a universidade, embora reivindique uma soberania conceitual e intelectual absoluta, é inteiramente desprovida de poder político-militar coercitivo ou de forças econômicas próprias para se auto proteger. Ela não possui exércitos, não controla frotas

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

policiais e não dita as regras do sistema financeiro. Por ser uma "cidadela exposta", aberta por princípio ao questionamento e à acolhida do outro, ela se apresenta como uma instituição eminentemente frágil. Essa fraqueza constitutiva faz com que ela seja historicamente vulnerável ao assédio, à intervenção e à asfixia orçamentária promovida por governos autoritários ou pela voracidade do capital internacional, que tenta comprar, privatizar e converter suas pesquisas em ativos econômicos de curto prazo.

É nesse horizonte de paradoxos que a filosofia de Derrida intersecta de maneira brilhante a discussão de Miguel Arroyo sobre a identidade docente. O filósofo opera uma distinção fundamental e desestruturante entre a ideia de um trabalho compreendido como competência técnica — o mero "ofício" burocrático de reproduzir saberes úteis ao mercado — e o ato propriamente dito de **"professar"**. Para Derrida, o termo "profissão" deve ser limpo de suas amarras gerencialistas corporativas para recuperar sua força performativa original. Professar não é simplesmente transmitir informações rápidas e técnicas que sofrem rápida obsolescência. Professar é um ato de fala que se assemelha a uma "profissão de fé". O professor, ao professar, declara publicamente um compromisso ético e político indissociável com a busca da verdade e com o advento da justiça. Ele assume a responsabilidade por aquilo que enuncia face à comunidade e ao porvir. Professar, portanto, é dar testemunho de um engajamento existencial com o pensamento livre.

Esse ato performativo de professar encontra seu solo fértil naquilo que Derrida denomina como as *Novas Humanidades*. Longe de conceber as Ciências Humanas como disciplinas ornamentais, nostálgicas ou secundárias dentro do ecossistema acadêmico, o pensador francês argumenta que as Humanidades transformadas devem ocupar o papel central da universidade sem condição.

Permanecendo ao mesmo tempo fiel à tradição, esse novo conceito das Humanidades deveria incluir ainda o direito, as teorias da tradução, além do que se chama, em cultura anglo-saxã, da qual é umas das formações originais, a "theory" (articulação original de teoria literária, de filosofia, de lingüística, de antropologia, de psicanálise, etc.), mas também, certamente, em todos esses lugares, as práticas desconstrutivas. E aqui será preciso distinguir cuidadosamente entre, de um lado, o princípio de liberdade, de autonomia, de resistência, de desobediência ou de dissidência, princípio esse

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT). **UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE**

extensivo a todo o campo do saber acadêmico, e, de outro, seu lugar privilegiado de apresentação, de reelaboração e de discussão temática, que, na minha opinião, seria mais próprio das Humanidades, porém de Humanidades transformadas (DERRIDA, 2003, p. 12).

Cabe às Novas Humanidades a tarefa urgente de desconstruir a história dos conceitos mais arraigados da civilização ocidental: a história do próprio conceito de "homem", as categorias de soberania nacional, as noções de trabalho alienado e as estruturas de dominação epistêmica que silenciam as alteridades. É no seio das Humanidades que a universidade encontra a força conceitual para resistir às tentativas de instrumentalização burocrática e para resguardar o direito de pensar além do horizonte do capital.

A Desconstrução do Presencial: Do Solo ao Ciberespaço

O cruzamento das perspectivas de Chauí, Arroyo e Derrida ganha uma nova e urgente camada de complexidade quando confrontado com as mutações técnicas que assolam a contemporaneidade. O avanço vertiginoso da informática, da telemática, do teletrabalho e das experiências de ensino remoto operou uma fratura definitiva na topologia tradicional da instituição superior. Historicamente, o conceito de universidade esteve umbilicalmente vinculado a uma espacialidade física mítica e bem delimitada: o campus concebido como uma "localidade não-substituível, enraizada num solo". Os muros acadêmicos, os claustros, os corredores de pedra e os auditórios funcionavam não apenas como cenários arquitetônicos, mas como anteparos geográficos que conferiam um senso de proteção e isolamento sagrado ao cultivo do espírito e da ciência.

A virtualização massiva do espaço de comunicação rompe esse habitat tradicional e provoca aquilo que se pode chamar de uma perturbação profunda do ecossistema acadêmico. Ao deslocar as interações humanas para as telas e plataformas algorítmicas, a universidade vê-se submetida a uma radical desterritorialização. A fronteira geográfica tradicional que cindia de forma estrita o "dentro" e o "fora" do campus universitário é implodida. O evento pedagógico passa a se materializar a partir de conexões fragmentadas operadas a partir de múltiplos lares, escritórios improvisados, transportes públicos ou contextos domésticos

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT).
UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE

marcados pela mais severa vulnerabilidade socioeconômica de docentes e discentes.

Diante dessa pulverização geométrica, faz-se necessário indagar: onde se localiza a universidade quando seus prédios estão vazios? A resposta de Derrida ressoa com precisão cirúrgica no cenário contemporâneo. O filósofo assegura que a universidade sem condição não reside de maneira estrita ou cativa no recinto físico das salas de aula convencionais, nem está assegurada de forma automática pela presença institucional da corporação acadêmica. Ela ganha vida e "dá lugar" ao saber "em toda parte onde essa incondicionalidade pode ser anunciada". A universidade, sob o signo da desconstrução do presencial, deixa de ser um evento estritamente geográfico para se converter em um *acontecimento de linguagem*, em um pacto ético de escuta mútua e em um compromisso indissociável com a interrogação crítica, que pode se disseminar pelas dobras e fissuras do ciberespaço.

No entanto, essa transição para o ambiente virtual não pode ser analisada de forma ingênua ou puramente apologética. O ciberespaço é, ele próprio, um território em disputa, fortemente colonizado por plataformas corporativas monopolistas que tentam aplicar métricas de vigilância e controle gerencial algorítmico sobre o trabalho dos educadores. É aqui que o "ofício de mestre" de Miguel Arroyo precisa ser evocado como uma bússola de resistência existencial. Arroyo nos lembra que a educação se realiza no encontro entre sujeitos, nas teias de sociabilidade e na partilha das subjetividades. A desterritorialização virtual coloca em risco a dimensão corpórea e afetiva do magistério, podendo aprofundar o isolamento e o adoecimento psíquico de professores e alunos se for conduzida pela lógica fria da eficiência empresarial.

A resistência das Humanidades no ciberespaço consiste, portanto, em subverter o próprio ambiente virtual, transformando-o em um espaço de acolhida da multiplicidade e da alteridade. Longe de anular a busca pela verdade ou de flertar com o relativismo das *fake news*, a desconstrução do espaço presencial permite interrogar a historicidade e a geopolítica das construções teóricas eurocêntricas.

Bem sabemos que uma das mutações que afetam o lugar e a natureza do trabalho universitário hoje é uma certa virtualização des-localizante do

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT). **UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE**

espaço de comunicação, de discussão, de publicação, de arquivamento (DERRIDA, 2003, p. 29).

Quando a sala de aula se descentraliza, a diversidade de contextos geográficos, biográficos, sociais e culturais dos estudantes — que se conectam a partir de suas realidades singulares

— passa a tensionar e enriquecer o pensamento crítico dentro do ambiente digital. O ciberespaço, quando reapropriado politicamente pela comunidade universitária, deixa de ser uma mera ferramenta de entrega de conteúdos mercantis para se tornar o lugar de uma nova topologia do acontecimento pedagógico: um espaço plural onde a incondicionalidade do pensamento pode se anunciar além das fronteiras nacionais e das limitações físicas do campus tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imersão analítica nas dinâmicas que configuram o ensino superior contemporâneo revela que a universidade habita um paradoxo estrutural e permanente de sobrevivência ontológica. Ela encontra-se materialmente cercada, por um lado, pelo cerco burocrático, orçamentário e ideológico imposto pelo modelo gerencialista neoliberal que visa sua total mercantilização; por outro lado, vê-se submetida a uma vertiginosa desterritorialização provocada pela incorporação das ferramentas digitais e pela migração de suas práticas para as dobras instáveis do ciberespaço.

Diante desse cenário de profundas disputas, o diálogo triádico estabelecido entre as obras de Marilena Chauí, Jacques Derrida e Miguel Arroyo descortina um horizonte de caminhos críticos e respostas complementares indispensáveis para a preservação do sentido da instituição. Marilena Chauí fornece as ferramentas políticas e macroestruturais cruciais para desnaturalizar a lógica mercantil, denunciar a universidade operacional e conclamar a comunidade acadêmica à luta intransigente pela recuperação da autonomia pública, financeira, democrática e curricular da instituição, resguardando-a como um bem social comum.

Jacques Derrida, por sua vez, eleva o debate ao plano ético-filosófico ao propor o horizonte

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT). **UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE**

utópico e inegociável da incondicionalidade do pensamento, fundamentando o ato de "professar" como um testemunho performativo de compromisso com a verdade e com a justiça, independentemente das coerções do presente. Complementando essa arquitetura teórica, Miguel Arroyo humaniza e corporifica essas demandas ao trazer a centralidade do "ofício de mestre", demonstrando que a autonomia institucional e a liberdade filosófica perdem o sentido se os professores forem despojados de sua autoimagem de intelectuais e se a formação for cindida de seu compromisso com a emancipação integral dos sujeitos históricos.

Em suma, as reflexões tecidas ao longo deste estudo demonstram que a desconstrução do ambiente presencial e o cerco gerencialista não decretam de forma inevitável o fim da universidade, mas impõem a necessidade histórica de sua reinvenção combativa. Mesmo dispersa fisicamente nas redes virtuais, desprovida de defesas materiais e sob constante vigilância operacional, a universidade mantém viva sua indomável força transformadora em qualquer fresta do tempo e do espaço onde se preserve o direito inalienável de pensar, questionar e resistir. É nessa trincheira ética que a instituição cumpre sua mais nobre e insubstituível missão: a de validar, acolher e dignificar o paradigma da existencialidade de todos os seres humanos que a constituem, permitindo que a docência e a discência continuem a ser atos de criação, liberdade e porvir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF, 1968.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003 – Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj/?format=html&lang=pt>.

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes¹ (UFCAT), ERBS, Rita Tatiana Cardoso (UFCAT). **UNIVERSIDADE EM DISPUTA: A ORGANIZAÇÃO GERENCIAL, A INCONDICIONALIDADE DO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E A DIGNIDADE DOCENTE**

Acesso em 29/06/2026 e 06/06/2026

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

DERRIDA, Jacques. **A universidade sem condição**. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.